



## JUVENTUDES NORDESTINAS: A CONSTRUÇÃO DIALÉTICA DA ALTERIDADE EM CONTEXTOS SOCIAIS À LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

*YOUTH IN THE NORTHEAST: THE DIALECTICAL CONSTRUCTION OF OTHERNESS IN SOCIAL CONTEXTS IN LIGHT OF CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS*

Marineide Cavalcanti Arruda (PPGCL-UNICAP)<sup>1</sup>  
[marineide.2021800196@unicap.br](mailto:marineide.2021800196@unicap.br)

Nádia Barros Araújo (PPGCL-UNICAP)<sup>2</sup>  
[nadia.2021800113@unicap.br](mailto:nadia.2021800113@unicap.br)

Ana Paula Torres Queiroz (PPGCL-UNICAP)<sup>3</sup>  
[ana.2021800024@unicap.br](mailto:ana.2021800024@unicap.br)

**RESUMO:** O artigo em tela propõe uma discussão teórica acerca da construção social das juventudes nordestinas e seu imbricamento com os diferentes contextos para a formação de suas identidades individuais e sociais, bem como para o sentimento de pertencimento enquanto nordestinos. Partimos do pressuposto de que a juventude é um grupo social marcado por transformações, não apenas uma idade biológica, uma vez que inseridos em uma conjuntura movediça e dialética suas subjetividades e práticas são constantemente modificadas como uma realidade em metamorfose. Como arcabouço teórico nos ancoramos nas perspectivas de: Pais, Castro, Bauman, Hall, Bakhtin, Castro, Fairclough, quanto às seguintes temáticas, respectivamente: juventude, identidades e alteridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventudes nordestinas; Contextos sociais; Alteridade; Pertencimento.

**ABSTRACT:** The article in question proposes a theoretical discussion about the social construction of Northeastern youth and its intertwining with different contexts for the formation of their individual and social identities, as well as the feeling of belonging as Northeastern. We assume that youth is a social group marked by transformations, not just a biological age, since their subjectivities and practices are constantly modified as a reality in metamorphosis, inserted in an unstable and dialectical situation. As theoretical

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Linguagem pela UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco). Possui Mestrado em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2011). Especialização em Língua Portuguesa pela FABEJA (Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim - PE - 1999). Graduada em Letras pela FAFICA (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - PE - 1994).

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2004), Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto de Pós-graduação e Extensão - IBPEX (2006), Mestrado em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2016), Pós-graduação em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF (2018), Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (2021 - 2024).

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem (UNICAP), Possui graduação em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, especialização em Psicopedagogia (UFRJ), Administração Educacional e Planejamento de Ensino (UFPE) e Educação Ambiental (SENAC). É mestre em Ciências da Linguagem, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).



framework, we anchored in the perspectives of: Pais, Castro, Bauman, Hall, Bakhtin, Castro, Fairclough, regarding the following themes, respectively: youth, identities and otherness.

**KEYWORDS:** Northeastern Youth; Social contexts; Otherness; Belonging.

## 1. INTRODUÇÃO: JUVENTUDES NORDESTINAS E CONTEXTOS SOCIAIS

As juventudes (como quaisquer outros grupos sociais) se transformam constantemente. Inseridos dialeticamente num contexto social movente, tal grupo, enquanto construção social, subjetiva e prática, não se rege por movimentos fixos, predeterminados. O presente trabalho enxerga a relação do meio social com a formação identitária das juventudes nordestinas como uma necessidade de ruptura. Como afirmou Pais (1990), tal necessidade se encontra quando entendemos que a construção das juventudes, nos diversos âmbitos sociais, vai de encontro às representações correntes. De acordo com o autor, para que possamos entender tal categoria social em sua amplitude precisamos ir além das interpretações dominantes e, ao levar em consideração os complexos e diversos construtos sociais e culturais, - desenvolver, em relação à realidade socialmente construída que é a juventude, outra doxa mais firme que a espontânea, sem que hesite – é mesmo uma necessidade – em tornar-se paradoxal. (PAIS, 1990, p.139).

Nesse sentido, retomamos o entendimento de Elisa de Castro (2012), para quem não podemos encarar as juventudes enquanto um mero recorte geracional ou como um mero conceito

Juventude é, sem dúvida, mais do que uma palavra. Ao acionar juventude como forma de definir uma população, um movimento social ou cultural, ao usar a palavra jovem para definir alguém ou para se autodefinir, estamos, também, acionando formas de classificação que implicam relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relações de poder (CASTRO, 2012, p. 439)

Dessa forma, entendemos que a construção social das juventudes e sua relação com seus contextos sociais não deve deixar de se enxergar como constante movimento dialético: que se perfaz nas diversidades objetivas e subjetivas e carrega consigo as influências do contexto. Se levarmos em conta especificamente as juventudes no contexto



do Nordeste brasileiro, assumimos com ainda mais força a tendência teórica que encara tais grupos e seus processos formativos como uma realidade em metamorfose.

Afinal, devemos compreender que, em diversos pontos de tais realidades – em nosso caso na realidade do Nordeste brasileiro – os contextos sociais e simbólicos se afirmam de maneiras diferentes. Cada localidade do Nordeste, inserida nalguma das muitas porções geográficas, do sertão ao litoral, têm práticas sociais e culturais singulares que exemplificam com extrema riqueza a cultura, o trabalho e a vida de um povo que se torna notável por sua diversidade.

Não é difícil perceber, em diversos exemplos, que permanecem na cultura dessa região, o reconhecimento ou, mesmo, o sentimento de pertença do povo nordestino a uma cultura e a um contexto social pujante. Aqui, vale ressaltar, tal sentimento ou noção de pertencimento é entendido, como afirmaram Koury (2010) e Tuzzo e Braga (2010) como diretamente ligado ao processo de construção das identidades sociais e grupais.

Em outras palavras, a pertença, da forma como abordamos neste trabalho, se coloca como um processo social que parte de uma relação dialética entre indivíduo e suas relações no espaço social e em suas instituições. O pertencimento, pois, não ocorre num vazio ou somente pelos pendores subjetivos de cada um, mas se coloca como um processo —intraindividual, interindividual e intergrupar (TUZZO e BRAGA, 2010, p. 209) inserido num contexto histórico feito pelos conflitos e transformações típicos das relações sociais.

O sentido de pertencer, a sensação de estar pertencendo, de fazer parte, assim, parece evocar nos indivíduos tocados pela fé uma comunhão com os demais membros que se consubstancia em uma elevação do grupo acima de si próprio. Neste sentido, faz do indivíduo uma pessoa relacional que se encontra, se submete e se revela no e para o grupo. O grupo é, deste modo, um conjunto de membros que se afirmam um. Cada membro vive o sentido da comunhão de interesses e vontades do grupo e nele advoga um sentido de similitude que o iguala aos demais membros, em uma comunidade de interesses e de compreensão do mundo. Lá se sente confiante e depositário de confiança (KOURY, 2010, p. 34).



Diante dessa definição, podemos afirmar que, mesmo em meio a transformações cada vez mais implacáveis no âmbito sociedade da informação e das consequências da modernidade (GIDDENS, 1991) nordestina, jovens ou não, continuam se entendendo como tais – como sujeitos biossociais ativos e construtores de sua própria história. São homens e mulheres deveras remodelados, mas que, pelo diálogo com o seu meio e com as suas tradições, ainda se veem como pertencendo ao Nordeste e às suas diferentes mensagens e interpretações.

Nesse processo, floresce o Nordeste e seus sujeitos como partes de um contexto antropológico e cultural; como construtos que fazem parte de uma tessitura complexa de espaços sociais e simbólicos que, imersos numa realidade empírica e subjetiva, historicamente situada e datada, se conformam em lugares onde práticas e representações brotam num mundo vasto - com agentes individuais e coletivos interagindo diuturnamente em processos de cooperação e conflito.

A formação heterogênea de uma comunidade é constituída por discursos mediados pela linguagem, esses variam conforme o contexto sociocultural do sujeito e podem moldá-lo ou transformá-lo. Para Fairclough ([1992], 2016), o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, como também um modo de representação. Nesse sentido, o discurso configura um modo de identificação de nós mesmos e dos outros, contribui assim para a formação de identidades sociais. Identidade, na análise crítica do discurso (ACD) é entendida como formas de ser, revelada por meio de práticas sociais.

Os atores sociais nordestinos estão imersos num conjunto complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes etc., que se interconectam e são remodeladas pelas práxis subjetivas, numa relação dialógica em que o meio físico e as formas de expressão permanecem vivas e sendo resgatadas ao longo de sua história. Elementos básicos da cultura nordestina – como as muitas formas produtivas, os diversos cultivos e as manifestações socioculturais – se mantêm como partes indissociáveis dos nordestinos e de suas representações.



A cultura nordestina, em sua complexidade, nos parece ser fundamental para a formação e construção social das juventudes nesse contexto. Pois, como defende Clifford Geertz (2014), os homens e mulheres de um determinado contexto sociocultural estão irremediavelmente presos aos significados e significações a que eles próprios concorrem para criar. Sim, — o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu (GEERTZ, 2014, p.4) e a cultura é o fio sustentador dessas teias.

Não poderíamos, assim, falar em natureza humana ou mesmo em formação das juventudes dissociadas da cultura. Uma cultura entendida como um sistema de símbolos significantes que criam, inclusive, — mecanismos de controle (GEERTZ, 2001) que atuam sobre nossos comportamentos e experiências. Sem esse sistema simbólico homens e mulheres estariam desgovernados em sua experiência social. A cultura nordestina; dos homens e mulheres que nele vivem e dos sujeitos em formação é essencial à construção social das juventudes como um fenômeno complexo.

Por esse prisma, não podemos encarar tal fenômeno sobre as bases de uma ciência fria, que se quer pura. Mas, isso sim, devemos ir em busca de uma abordagem que aproxima quantidade de qualidade e entende, como afirmou Bourdieu (2004, p.21) ao falar dos usos sociais do fazer científico, que ciência é uma edificação da sociedade e, como tal, é um mundo social.

## **2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS JUVENTUDES**

Compreendemos, pois que as juventudes, bem como seu processo de formação, não se encontram deslocados de um contexto sociocultural e simbólico. Dessa forma, como propõe Juarez Dayrell (2007), entendemos como cada vez mais complexos os fenômenos ligados à realidade cotidiana, o estilo, os significados e expressões e outros símbolos significantes dos jovens no contexto de uma sociedade cada vez mais diversa.

Concordamos aqui com Rocha (2012), autora para quem se torna imprescindível analisar as juventudes levando em conta não somente suas relações pragmáticas, mas também suas paixões e representações. Não podemos encarar a juventude sob um único



foco interpretativo. Afinal, as juventudes se conformam a partir de relações e identidades diversas, elas estão em constante conflito e em transformação com e na sociedade, enquanto categoria social, cultural e histórica, os jovens interagem com os demais indivíduos e contextos que os cercam e, através dessa relação, também se constituem. Seja, por exemplo, numa relação com a religião - e suas formações constituintes básicas – ou com o trabalho, as famílias e a escola, os jovens se conformam dentro do jogo social, não se excluem dele como uma segunda categoria, ou uma categoria menor, desprovida de um dado compromisso ou formação adequada.

Nesse âmbito, entendemos as juventudes como uma construção social diversa que se configura, como sugere Zucchetti e Bergamaschi (2007) como categoria histórica, social e cultural. E, por assim ser, demonstra-se como afirma Dayrell, (2007) como uma condição representacional.

Para o autor, é a diversidade social, cultural e até geográfica que faz com que cada região tenha relações diferentes com esse tão heterogêneo grupo social.

Entendemos, como Peralva (1997), que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, entre outros aspectos (DAYRELL, 2007, p. 157).

Em outras palavras, as juventudes se constituem não num momento social, ou numa condição passageira, marcada apenas por uma faixa etária ou por modismos ou frivolidades. Muito mais que isso, as juventudes entendidas em suas multiplicidades e identidades, se constituem como um grupo social complexo, que se relaciona com contextos sociais e culturais estruturados e moventes.

Dessa forma, a noção de juventudes no (e do) Nordeste, como foco de análise, ou como ponto nevrálgico complexo não pode se prender a rótulos ou critérios rígidos. As juventudes nordestinas precisam ser encaradas à luz da sua diversidade, que considera o





conjunto das experiências vivenciadas no contexto social sem desprezar a construção das singularidades, através dos fazeres materiais e simbólicos dos indivíduos. Concordamos mais uma vez com Juarez Dayrrel (2007), quando afirma que tal conceituação implica em não entender a juventude como uma etapa da vida, com um fim predeterminado. As juventudes não devem ser encaradas aqui como a habitação de um transitório social, ou um momento de preparação para a vida adulta.

## **2.1 AS JUVENTUDES E O “OUTRO” – UMA RELAÇÃO DIALÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE**

As juventudes, em seus diversos locais sociais, antes de tudo são marcadas pelo confronto com a alteridade social. Nessa perspectiva, os jovens se colocam no embate permanente entre natureza e a cultura, na qual os seres humanos, como sujeitos, se conformam na influência mútua das dimensões naturais e sociais. Homens e mulheres jovens se constituem como seres biológicos, sociais e culturais localizados num intenso confronto de suas dimensões genéticas.

Nesse emaranhado de relações, símbolos, significados, equipamentos e crises socioculturais, as juventudes, urbanas e rurais, se apresentam complexas e entrecortadas por múltiplas questões. Diversos são os aspectos sociais, econômicos e culturais conformadores das identidades e demandas sociais desses sujeitos. Assim como outros grupos, os jovens devem ser encarados, como afirma Jacques Ardoino (2001, p. 551), a partir de sua —heterogeneidade constitutiva e sua natureza plural – partindo de uma complexidade que não se reduz a olhares cartesianos e, além da classificação etária, carregam outros fatores importantes para a sua correta interpretação.

Nesse sentido, entendemos que as reflexões sobre as juventudes, como bem apontou Elisa de Castro, sofrem uma mudança importante

O debate sobre juventudes, no Brasil, principalmente a partir das décadas de 80 e 90, trouxe o olhar da diversidade. Para além dos cortes etários, ou apesar deles, não se fala mais em juventude, mas em juventudes (Novaes, 1998). Sem



dúvida é um caminho que contribuiu para fugirmos de um olhar homogeneizante (CASTRO, 2004, p.186).

Fugir desse olhar racionalista apontado pela autora – um olhar com tradição mecanicista e apenas quantitativo, acerca do entendimento das juventudes é fundamental para que, numa perspectiva social, ou —sociológica, como demonstrou Pais (1990), não se enxerguem tais grupos como uma construção enquadrada, unitária e previsível.

Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária». No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também — e principalmente — as diferenças sociais que entre eles existem (PAIS, 1990, p.140).

Não podemos encarar as juventudes, em qualquer contexto social, como algo homogêneo, linear, amorfo. Mas, sim devemos caminhar, como propõe o multiculturalismo crítico de Peter McLaren (2000) para entender e localizar os aspectos culturais e sociais da juventude enquanto grupo coletivo formado por indivíduos que são sujeitos da história, vivos e respirando (MCLAREN, 2000, p.243) e que, mesmo influenciados pelos discursos dominantes, ainda são capazes de nutrir autonomia. Alude-se, aqui, ao que afirma (BAKHTIN, 2006, p. 174), “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente”.

Dessa forma, não podemos perder de vista que as juventudes mantêm uma relação dialética com uma rede complexa de alteridades, sob a forma de discursos, saberes e associações diversas: construções socialmente influenciadas. Por isso, elas não podem ser encaradas de forma estática, mas, sim como sujeitos que, dentro de diversas tessituras sociais, interconectam relações diversas e têm autonomia e liberdades próprias demarcando claramente seu lugar social, uma vez que têm poder de influência cada vez mais nas relações de poder em uma sociedade intimamente impulsionada pelo consumo.





Ao que se refere à alteridade Bakhtin e o seu grupo de estudo colocam-na como temática fundamental, na medida em que reflete sobre a arquitetura do mundo concreto que é organizado em torno dos valores do eu e do outro, em três dimensões. A saber: eu para mim, eu para o outro e o outro para mim (BAKHTIN, 2020). É em torno dessas instâncias que os valores políticos, científicos e até mesmo do cotidiano são constituídos, e é aqui também que as juventudes ratificam seu lugar dialógico. Para o autor, são as palavras que o outro me dirige que me dão a medida de mim mesmo e do mundo no qual estou inserido. É nessa arena que o sujeito se constitui, entre palavra própria e palavra do outro. Ou seja, mesmo o ser humano se constituindo na relação com o outro, afirma-se como um ser singular, a alteridade não traz consigo uma diluição do eu. É em torno desses dois centros de valores, o eu o outro, que se arranjam toda a concretude do existir.

O conceito de outro trazido por Bakhtin e o seu grupo é decorrente de uma perspectiva discursiva, ideológica e internacional. Destacam a importância da alteridade para a constituição dos sujeitos, na medida em que compreendemos o ser humano como incompleto e inacabado. Sendo assim, “[...] O homem não tem um território inteiro e soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si, ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2006, p.341). Este acabamento dado pelo outro não é aleatório. Provém de um posicionamento valorativo, axiológico em relação ao outro.

É válido ressaltar que, mesmo se constituindo na relação com o outro, pelas relações dialógicas, marcadas como arena de valores ideológicos, os sujeitos não se tornam iguais. Nessa troca do eu com o outro, estabelecem-se identidades e diferenças.

Sendo assim, podemos dizer que as juventudes se formam em relações dialógicas com diferentes vozes sociais, diferentes convicções de mundo, mas que cada ser mantém “a singularidade de cada um, a sua unicidade, a sua insubstituibilidade, a peculiaridade das suas relações, dos seus vividos, das suas coordenadas espacotemporais e axiológica.” (BAKHTIN, 2020, p.19).

Podemos, assim, inferir que a identidade individual é construída no coletivo, em relações de troca, pertencas com outras identidades. No entanto, é no mundo da vivência única, na singularidade que cada eu se situa.

Cada um se encontra(...) pensa, atua e decide; é aqui que participa do mundo em que a vida é transformada em objeto e situa a identidade sexual, étnica, nacional, profissional, de status social, em um setor determinado do trabalho, da cultura, da geografia, política, etc. ( BAKHTIN, 2020, p.21).

A singularidade à qual o autor se refere não é sinônimo de egoísmo, significa viver a partir de si mesmo, viver seu lugar único reconhecendo a não indiferença pelo outro, um outro concreto e também insubstituível, que existe na relação com o outro.

### **3. JUVENTUDES E IDENTIDADE - UMA CONTÍNUA E INACABADA CONSTRUÇÃO**

Falar em juventude na contemporaneidade é pensar, sobretudo, nas mudanças velozes, nas constantes transformações que vivemos no mundo moderno, influenciado pelo ritmo acelerado das novas tecnologias digitais, contexto este bastante diverso do vivido pelas sociedades tradicionais. Segundo Anthony Giddens (1990):

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, pp. 37-8).

Os jovens, os quais Bauman (2018) nomeia de “Os nascidos em tempos líquidos”, se veem imersos em uma realidade outra, fluida e sinuosamente diversa das vividas pelos seus pais. O que de certa forma assevera ainda mais o processo de transformação e de busca por uma autoafirmação, por compreender a si e as transformações do seu próprio corpo, seus desejos e pensamentos, bem como, de entender ao mundo ao seu redor, e de como inserir suas individualidades nas múltiplas esferas sociais que o circundam.

A fluidez das relações, das informações, e das formas como nos comunicamos, oportunizadas pelas novas tecnologias da informação são notórias influenciadoras na vida dos jovens de todo o mundo, no contexto nordestino não é diferente. Conforme pesquisa TIC Kids Online Brasil no ano de 2018, no Brasil, 90% dos jovens de 9 a 17 anos possuíam pelo menos um perfil em rede social. Visto que, nas redes sociais os jovens podem moldar-se e criar-se constantemente, até atingir uma identidade satisfatória que esteja de acordo com suas necessidades e crenças (Turkle, 1998).

E mesmo que ainda uma parcela dos jovens não tenha acesso à internet, a maioria deles já nasceram sob a forte influência do ciberespaço, é uma geração hiperconectada, fazem uso constante das redes sociais: facebook, whatsapp, snapchat, skype, instagram. Assim, nos deparamos com uma nova maneira de se viver a juventude, uma vez que as relações sociais, nos dias atuais, estão para além dos espaços físicos, concretos, reais, das relações face a face.

As vivências da maioria dos jovens estão condensadas entre os espaços virtuais e os reais. Através da internet e das redes sociais virtuais é possível criar novas identidades e assumir diferentes papéis (Nobrega, 2010; Turkle, 1998), ver-se nitidamente tal prerrogativa nas postagens de fotos, vídeos, e mensagens, em que os jovens constantemente deixam e constroem marcas identitárias.

Nestes cenários culturais, sociais e virtuais as identidades dos jovens se desenham, se formam e se transformam continuamente, num processo em constante construção, pois conforme sugere Hall (2018), a identidade no mundo pós-moderno não é elemento estático, imutável, ela está em transformação, e no caso das juventudes as produções identitárias são ainda mais cambiantes:

[...] é uma “produção” que se constitui sempre dentro e não fora de um sistema de representações e aponta duas formas – não antagônicas, mas combinadas – de pensar identidade cultural. Primeiro como cultura compartilhada, como quadro de referências e de significados. E, segundo, reconhecendo as diversidades conformadoras de identidades possíveis, combinando “aquilo que de fato somos” com “aquilo que podemos ser”. (HALL, 2008, p.34)

Nesse sentido, a construção das identidades emerge das diferentes relações sociais em que os sujeitos estão inseridos, bem como na sua atuação nos espaços sociais. Conforme



Fairclough (2001), as identidades variam de discurso para discurso, ou seja, não existe uma identidade única, já que cada indivíduo representa discursivamente um objeto segundo a sua formação ideológica, suas crenças, sua cultura e, principalmente, sua intenção. Assim, entende-se que discurso como prática social pode influenciar positivamente ou negativamente para formação de identidades, pois há os que têm mais poder de voz em detrimento de outros. Conforme Magalhães

As práticas sociais são eventos rotineiros na realidade social, relacionados ao modo de funcionamento da sociedade ou de seus grupos internos, em que um ou mais participantes atuam como agentes, desempenham papéis, são atores ou pacientes das atividades nas quais estão envolvidos. (MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE, 2017)

Isso significa que o fluxo de nossa vida diária sempre envolve ação e interação, relações sociais, pessoas (com crenças, valores, atitudes, histórias etc.), mundo material e discurso (Fairclough, 2003a). São estes momentos integrantes que constituem e constroem as diferentes identidades. Sob essa ótica, Ortiz (1994) e Larraín (2001) entendem que as identidades são plurais, mas se constroem em relações de poder. Há uma interdependência entre identidades pessoais e coletivas, em diferentes variáveis, tais quais: gênero, classe social, escolaridade, nacionalidade, cultura, entre outros. Retomando Ortiz (1994), as identidades são diferenças, mas apenas afirmar isso não é suficiente, é necessário especificar em que nos identificamos.

Para Erikson (1972), construir uma identidade implica definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que ela deseja seguir pela vida, na compreensão do autor, identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo estar solidamente comprometido. O desenvolvimento de identidade vai se constituindo a partir de papéis interacionais estabelecidos pelos grupos sociais, sejam eles familiar, escolar, artístico-cultural, religioso, entre outros, é nessa multiplicidade de ações que as juventudes em socialização com os seus pares buscam

incessantemente a sua identidade e representação como atores sociais, a identidade é, portanto, formada na interação entre sujeito e sociedade.

Moita Lopes (2002), afirma que as identidades são múltiplas e contraditórias, inacabadas e processuais, devido ao próprio processo de atualização que se dá no e pelo discurso quando da interação social nos diferentes eventos discursivos, ou seja, na prática social. A construção das identidades favorece aos sujeitos o sentimento de pertencimento a um determinado grupo sociocultural, fazem-nos sentir-se parte daquele contexto social interagindo linguisticamente como um agente transformador e em constante transformação. Na concepção de Fridman (2000), a identidade não se completa, depende do que está por vir. O desmantelamento e reconstrução pós-modernos agregam incerteza permanente e irredutível à experiência de homens e mulheres contemporâneos.

Diante desse contexto, nota-se que as juventudes nordestinas, em seus diferentes contextos sociais, assim como qualquer outro grupo social, não são apenas sujeitos preposicionados ideologicamente, são, no entanto, atores sociais que em suas diversas condições mediados pela linguagem são capazes de construir seus discursos revelando sua visão de mundo como agentes sociais atuantes. Nas palavras de Vieira e Resende (2016, p.18), ao fazermos uso da linguagem em nossas vidas cotidianas, recorreremos a maneiras particulares de representar, de agir e interagir e de identificarmos o mundo e a nós mesmos/as, cada qual com suas particularidades em seu contexto histórico, político e cultural.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, buscamos fazer uma discussão teórica acerca da construção social das juventudes nordestinas e seu imbricamento com os seus diferentes contextos para a formação de suas identidades individuais e sociais, bem como para o sentimento de pertencimento enquanto nordestinos.

Nas discussões que propomos, foi possível evidenciar que devemos encarar o sujeito em seu papel de ator: um sujeito que, como defende Desgagné (2007, p.25), tem papel



importante no que chamamos de construção da realidade. Ou seja, os jovens não são meros sujeitos em idade biológica X, são sujeitos que se constroem a partir dos contextos sociais em que se encontram, são partes integrantes e ativas que, por meio do discurso, articulam, modificam, criam e recriam seus espaços e meios. Ultrapassando com isso a visão mecanicista do tecido social (em que cada peça teria sua função) – que prima por uma saber aplicado, dosado, enquadrado.

As juventudes nordestinas representam uma multiplicidade de realidades, ideologias, crenças, valores, identidades e alteridades, não se tratam, pois, de uma unidade homogênea e padronizada que está engessada em estereótipos e arquétipos. São sujeitos sócio-históricos, viventes das inúmeras potencialidades sociais, culturais, econômicas e ambientais do Nordeste, pois fazem parte da construção e ressignificação dos seus lugares e horizontes, são atores e autores, que dialeticamente constituem o mundo e constituem a si mesmos a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de seus anseios e angústias.

## REFERÊNCIAS

- ARDOINO, J. A complexidade. In: MORIN, E. (Org.). **A religação dos Saberes: desafios do Século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João editores, 2020.
- BAUMAN, Z; LEONCINI, T. **Nascidos em tempos líquidos: Transformações do terceiro milênio**. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CASTRO, E. G. Juventude do campo. In: CALDART, R. S, PEREIRA, I. B., ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- CASTRO, E. G. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político**. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv [online]. 2009, vol.7, n.1, pp. 179-208.





Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v7n1/v7n1a08.pdf>> Acesso em: 25 set. 2014.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, Dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-4782003000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-4782003000300004&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 17 jan. 2015.

DEMO, P. **Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DESGANGNÉ, S. **O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. Ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FRIEDMAN, L. C. **Vertigens Pós-Modernas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GEERTZ, C. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

JÚNIOR, M. D. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de pesquisas educacionais, 1960.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7. ed. Editora DP&A. São Paulo, 2008.

LARRAÍN, J. **Identidad chilena**. Santiago: LOM ediciones, 2001.

LAPLATINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo Revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R; RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. 1ª ed. UNB, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOITA L, Luís P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

Nobrega, L. P. **A construção das identidades nas redes sociais**. Fragmentos de Cultura, 20, 95-102, 2010.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.





PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude:** alguns contributos. i, Lisboa, vol. XXV, n. 105-106, p. 139-165, jan. / abr. 1990.

KOURY, M. G. P. **Identidade e pertença:** disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. Etnográfica [Online], Portugal, vol. 14 (1). Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/148>>, acesso em 30 abr. 2015.

ROCHA, R. M. M. Juventudes, comunicação e consumo: visibilidade social e práticas narrativas. In: BARBOSA, Lívia. **Juventudes e gerações no Brasil Contemporâneo.** Porto Alegre: Sulia, 2012.

TURKLE, S. **A vida no ecrã:** A identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio d'água, 1998.

TUZZO, S. A; BRAGA, C. F. **Redes sociais e sentimento de pertença: o que pensam os estudantes do ensino médio.** Fragmentos de Cultura. Goiânia, v. 20, n. 3/4, p. 207-220, mar/abr. 2010. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1370>> Acesso em 30 abr.2015.

VIEIRA, V; RESENDE, V. M. **Análise do discurso (para a) crítica:** O texto como material de pesquisa. 2. ed. Vol. 1. Campinas – São Paulo, Pontes Editores, 2016.

ZUCHETTI, D. T.; BERGAMASCHI, M. A. **Construções Sociais da Infância e da Juventude.** Cadernos de Educação, Pelotas, n. 28, p. 213 - 234, janeiro/junho 2007.

---

Recebido em: 05/05/2022 | Aprovado em: 26/08/2023  
Publicado em: 26/06/2025

---